

Pequenos livros para jardineiros: os almanaques

ANA DUARTE RODRIGUES

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, UNL
ana.duarte.rodrigues@fcsh.unl.pt

Resumo

Neste trabalho pretendemos demonstrar como paralelamente à definição do estatuto do jardineiro apareceu uma bibliografia que lhe era especificamente destinada. Durante a Idade Moderna há toda uma literatura dedicada à arte dos jardins desde os tratados de agricultura aos tratados sobre arte de jardinagem. Contudo, não será dos livros dedicados aos jardineiros enquanto arquitetos paisagistas que iremos tratar aqui, mas sim dos livros especialmente dedicados aos jardineiros que aparecem no final do século XVII e se prolongam no século XVIII. A importância que o jardineiro alcança no final do século XVIII e início do XIX traduz-se no número de publicações. O nosso objetivo consiste em identificar os livros especificamente dedicados aos jardineiros que circularam em Portugal entre 1650 e 1850 e os aspectos que os diferenciavam dos restantes livros e tratados interessantes para a arte da jardinagem, relacionando esta produção teórica e literária com as flutuações que o conceito e o estatuto do *jardineiro* foi sofrendo ao longo deste período.

Palavras-Chave: Livro; almanaque; jardineiro; jardinagem

Para além dos tratados de arte dos jardins, dos tratados de agricultura com capítulos especificamente dedicados à jardinagem, e dos livros de botânica e horticultura, existe um grupo de livros, de pequeno formato, pouco mais que uma brochura do tipo “borda de água”, especificamente dedicados aos hortelãos e jardineiros, que conheceram as mais diversas denominações como “lunário”, “diário”, “novo diário”, “antologia”, “guia”, “manual”, “bom jardineiro” e que são no fundo, todos eles, almanaques. Providenciam informação sobre o cultivo do jardim, mas deixam de lado as questões estéticas e conceptuais com ele relacionadas. Estes livros entram em total contraste com os tratados de jardins, como, por exemplo, o de Jacques Boyceau ou Dézallier d’Argenville¹, devido ao seu carácter eminentemente utilitário.

Os almanaques têm uma longa história: conhecidos e utilizados desde as mais antigas civilizações, mesmo que estas não tenham tido qualquer contacto entre si, como o Antigo Egipto e os Aztecas². Caracterizam-se por apresentar quadros e

¹ Sobre os tratados de arte dos jardins e livros interessantes para esta arte a circularem em Portugal vide Rodrigues, A. D. (2011), “O conhecimento teórico ao alcance de arquitetos e Jardineiros em Portugal durante a Idade Moderna”, in *Tratados de Arte em Portugal/Art Treatises in Portugal*, Lisboa: Scribe, pp. 119-144.

² De que faz prova o *Codex Borbonicus*.

tabelas com alguns conhecimentos sobre o mundo, organizando-o em calendário e, sobretudo, em consonância com as tábuas lunares e respeitando as festas religiosas. Na verdade, desde sempre que os almanaques se relacionaram com o calendário lunar pois a própria raiz etimológica da palavra árabe *al-manâkh* tem o sentido de determinar o verdadeiro lugar da lua³.

Em Portugal, o primeiro almanaque a circular é o do judeu de Salamanca Abraão Zacuto intitulado *Almanach Perpetuum* (1496), que foi utilizado pelos navegantes durante os Descobrimentos. Seguem-se um sem número de almanaques, repertórios, calendários, efemérides, prognósticos, anuários, diários, folhinhas, lunários, planetários, seringadores, saragoçanos, almanaques, bordas de água, que se tornam acompanhantes indispensáveis de um público mais lato que a maior parte das vezes não possuiria mais nenhum outro tipo de livro. Esta tipologia de livrinhos vai, ao longo da Idade Moderna, especializando-se para as mais diversificadas atividades, como agricultor, camponês, marinheiro, bom fadista, cantador, guitarrista, cozinheiro, feitiço, feiticeira, lavadeira, elegante, etc.

Interessa-nos particularmente para este estudo o primeiro almanaque dedicado ao agricultor, realizado em Coimbra na Tipografia de Nicolau Carvalho em 1613 e intitulado *Thezouro de Prudentes*. Só no final do século XVIII, e por ganhar independência do almanaque dedicado ao agricultor, vai aparecer o almanaque destinado aos jardineiros em particular. Os almanaques para jardineiros organizam o tempo, incluindo o calendário lunar e as festas religiosas e os jejuns obrigatórios, bem como as atividades dos jardineiros ao longo de todos os meses do ano, indicando as várias tarefas respeitantes ao cultivo do jardim que deveriam ser realizadas em determinado mês, contendo por vezes pequenas ilustrações. John Evelyn, no seu *Kalendar* seiscentista, explana bem o sentido destes pequenos livros como meio de promover a arte dos jardins na partilha da sua própria experiência e da de outros como ele:

“And it is from the Result of very much Experience, and an extraordinary inclination to cherish so innocent and laudable a Diversion, and to incite an Affection in the Nobless of this Nation towards it, that I begin to open to them so many of the interior Secrets, and most precious rules of this Mysterious Art, without Imposture, or invidious Reserve. The very Catalogue of Fruits and Flowers, for the Orchard and the Parterre, will gratifie the most innocent of the Senses, and whoever else shall be to seek a rare and universal choice for his Plantation.” (Evelyn, 1683: 14-15)

Para além de parecer que se autonomiza dos manuais para os lavradores porque são os mesmos editores que os publicam sequencialmente ou por existirem

³ “On y trouve *al-manâck* non seulement dans la citation du texte commenté, au chapitre de la détermination du lieu vrai de la lune, où il est dit que le recours au tableau des nayyirain est un procédé abrégé, mais encore dans trois autres passages d’un des chapitres suivants “sur la vue du croissant des nouvelles lunes” *fi ru’yat al-ahilla*. Il s’agit d’établir, comme on sait, la position respective du soleil et de la lune au dernier jour du mois arabe, pour savoir si, sous la latitude du lieu, le croissant sera visible par temps clair après le coucher du soleil, le soir même du jour marquant, d’après le calendrier, le début du nouveau mois lunaire, ou bien seulement le lendemain, et même le surlendemain. Là encore, le procédé consiste à prendre successivement dans les tableaux particuliers les chiffres correspondants aux données de temps et de lieu, à effectuer les calculs prescrits, et à transporter les résultats dans le tableau commun au soleil et à la lune, autrement dit à “entrer”, avec les chiffres obtenus, dans ce dernier tableau, qui est le *manâkh*. La définition est certaine et confirmée par plusieurs exemples. Ephémérides du soleil et de la lune: c’est bien en effet l’essentiel de ce que nous appelons, aujourd’hui encore “un almanach”, in H. P. J. Renaud, “L’origine du mot “almanac”, in *Isis*, Vol. 37, No 1/2 (May, 1947), pp. 44-46.

edições conjuntas – “Diário do Lavrador, e Jardineiro”, por exemplo –, os almanaques para jardineiros em língua portuguesa poderão ter seguido uma corrente que já existia noutros países dos quais Portugal recebia influências. Livros que aparecem em França e em Inglaterra no final do século XVII, particularmente destinados aos jardineiros, não enquanto arquitetos paisagistas, mas sim aos cultivadores de jardins, como *Les délices de la campagne: suite du “Jardinier François”* (1665), ou o *Kalendarium Hortense* (1683) de John Evelyn, o que se prolonga no século XVIII, como o livro de Louis Liger, *Le jardinier fleuriste* (1704) e traduzido para inglês por F. Gentil com o título *The retir’d gardener in six parts* (1706), mas com adições e adaptações para o cultivo em Inglaterra.

Nos Países-Baixos, o mesmo tipo de livros circula contendo especificidades sobre o cultivo de espécies próprias do sul da Europa, como o *The Dutch Gardener* (1703) de Henrik van Oosten que dá indicações específicas sobre o cultivo da laranjeira e do limoeiro em condições climatéricas adversas.

A importância que o jardineiro alcança na transição do final do século XVIII para o início do XIX traduz-se no aumento do número de publicações: o *Almanach du jardinier*; de Bradley, *Calendrier du Jardinier* (1783); de Thomas Mawe e de John Abercrombie, *Every man his own gardener: being a new and much more complete gardener’s calendar* (1797).

Como já dissera Sousa Viterbo existe pouca produção teórica sobre a arte dos jardins de autoria portuguesa, mas existem alguns textos especificamente dedicados a jardineiros em língua portuguesa, ainda do final do século XVIII, como o almanaque da autoria de Bento de Mesquita e intitulado *Guia para Lavradores, ortelaos, pomareiros e jardineiros* (1790), publicado no Porto na oficina de António Alvarez Ribeiro.

A cidade do Porto destaca-se na publicação de almanaques, devido ao crescente interesse pela arte dos jardins na cidade e arredores nos séculos XVIII e XIX, como afirmam Teresa Andresen e Teresa Portela Marques (2005: 55), culminando com a criação do *Jornal de Horticultura Pratica*, em 1870, por José Marques Loureiro e José Duarte de Oliveira.

Já do início do século XIX datam outros almanaques, como o *Almanak do perfeito jardineiro* (1805) da autoria de Pedro Vieira (natural do Minho) e editado em Lisboa por Joaquim Florêncio Gonçalves. A principal utilidade deste livro era apresentar as luas calculadas para o ano de 1806, informando o jardineiro em cada um dos quartos de lua como se deveria plantar, semear, cultivar, enxertar.

Antes do *Almanak do Perfeito Jardineiro* já existia o *Diario do Agricultor Perfeito; e desabusado, que promove a agricultura para utilidade comum, com as phases da Lua, calculadas para o Meridiano do Porto neste anno de 1802, segundo a ordem dos Bissextos*⁴, que servia o mesmo fim. Aliás, na capa dizia-se que esta se tratava de uma “Obra utilíssima aos Lavradores, Hortelões e Jardineiros, e para todo o Reino”, da autoria de um astrónomo, apelidado de Patrício Português.

⁴ Deste livro encontram-se várias edições nos fundos da BNP, como de 1806.

Da mesma tipologia faz parte o *Almanak curioso ou prognostico geral dos tempos, para uso de lavradores, e pessoas curiosas deste Reino de Portugal; com as Luas calculadas para o anno de 1804*, igualmente da autoria de um astrónomo, Bento Ayres Pinto, editado no Porto por António Alvarez Ribeiro⁵. Este livro também indicava os dias santos, e jejuns regulados, segundo a determinação da Igreja Universal, e dos Bispados deste reino. Para além disso, oferecia um cálculo particular das horas a que desponta a luz solar para utilidade dos agricultores e viandantes.

Lobo Gaspar da Conceição, em *O jardineiro, anthologia ou tratado das flores: aos amantes da jardinagem* (1824), faz uma descrição das plantas em geral, fala do sistema de Lineu, de regras gerais e observações sobre a qualidade e características da terra, do estrume, da água, da rega, dos tanques (e betume para eles), das sementes, das raízes e cebolas, dos alfobres, da plantação, da mergulhia e alporques, da enxertia, das árvores e das flores e depois da virtude das plantas. Finalmente, inclui um calendário para o jardineiro dando indicações para as atividades e tarefas que deve levar a cabo em cada mês e dicionário de muitas flores. Este livro tem um suplemento em manuscrito sobre a Balsamina, Reseda, Tabaco, Tília, Hortelã-Pimenta, Madre Silva, Esponjeira, Chorões, Martírio, Macella, que deve ter sido acrescentado pela pessoa a que pertencia o almanaque.

No *Guia e Manual do Jardineiro ou Arte de Cultivar os Jardins, com uma estampa explicativa, seguido da Linguagem das Flores, e emblema das cores e uma pequena guia do enxofrador das vinhas* (1826), para além das matérias contidas nos almanaques, também existe algum conteúdo semelhante aos tratados, o que se verifica no capítulo das noções gerais em que começa por definir o que é jardinagem:

“Chama-se jardinagem a arte de cultivar e decorar os jardins. Jardim, na acceção geral da palavra, é uma porção de terreno, contiguo á casa em que se habita, cerrada em roda com muros, tapumes ou sébes, e cultivada e plantada de flores e outras plantas, tanto para recreio, como para utilidade de seu dono. Segundo o destino particular d’este terreno, assim toma o nome de Vergel, Pomar, Horta ou Jardim propriamente dito.”

No fim tem uma ilustração com os utensílios de jardineiro, do género dos que se encontram no livro *Figures pour l’Almanach du Bom Jardinier, représentant les Utensiles le plus généralement employés dans la culture des Jardins* (182-) da autoria de Descaines.

Estes livros, apesar de tudo, revelam algumas pretensões a serem mais do que simples calendários e demonstram conhecerem muitas das fontes eruditas citadas pelos tratadistas. Por exemplo, o *Diario do Agricultor Perfeito* (1802) começa por citar o agrónomo latino Columella: “Creio, que se não devem atribuir ás alterações do ar as esterilidades, que experimentamos; mas sim ás nossas faltas.”

O *Almanach do Jardineiro e do Cultivador para o anno de 1855 contendo a descrição d’algumas plantas e o melhor modo de as cultivar* (Lisboa, 1854), dedicado a D.

⁵ Este almanaque conheceu novas edições, nomeadamente em 1805 e 1806, mas editado por Simão Tadeu Ferreira.

Pedro V, inclui diversos calendários para o ano de 1855, sobre as festas religiosas e dias santos, assim como os dias das festas móveis, das tēmporas, dos eclipses, das estações do ano, dos dias de grande gala, e ainda assinala épocas memoráveis, épocas nacionais e dias em que são proibidos os espetáculos. Indica também a época das feiras, a época própria para a cultura das flores, seguindo-se capítulos dedicados às flores e às damas, sobre a terra, o estrume, a água e da rega, etc.

O *Manual do Jardineiro do Cultivador ou modo de cultivar os jardins*, publicado em Lisboa na Imprensa de Francisco Xavier de Souza, em 1858, é dos poucos livros deste tipo que inclui oito estampas de flores. Em 1883 há uma quarta edição com o título *Manual do Jardineiro e do Cultivador ou Modo de Cultivar os Jardins em que se trata da variedade das Flores e da sua melhor cultura, augmentado com a linguagem do emblema das flores*, publicado em Lisboa pela editora Joaquim José Bordalo. Este manual também inclui algum conteúdo semelhante aos tratados pois aborda a questão do traçado dos jardins em terraços, tendo em consideração e desenvolvendo cinco pontos essenciais: o terreno, a situação, a água, a exposição e as vistas⁶. Mesmo no que toca à água, não aborda só a questão da necessidade, mas também a do recreio, como o facto da água ser o elemento que mais contribui para o recreio: “sendo bem distribuída, seja em repuxos, seja em cascatas, fontes e tanques” (p. 12).

Um pouco mais tardio, no *Guia e Manual do Jardineiro ou Arte de Cultivar os Jardins, com uma estampa explicativa, seguido da Linguagem das Flores, e emblema das cores e uma pequena guia do enxofrador das vinhas* (1862), é reconhecida a filiação na Agricultura e a sua utilidade é reconhecida já com a publicação do *Guia e Manual do Cultivador*⁷. Portanto, este livro aparece porque, depois de satisfeitas as necessidades primárias, o homem aspira à felicidade e esta pode ser encontrada nos jardins:

“Longe vá a ideia (diz Mr. Raspail) de que a natureza só haja posto o homem sobre a terra para satisfazer duas ou três precisões da vida animal, e adormecer. É o desejo de felicidade sentimento inerente á nossa alma, e tão progressivo como a própria civilização; mal alcançamos o necessário logo voltamos toda a nossa ambição para o agradável; todo o género de trabalho, por cuja via se obtem este ultimo resultado, não é portanto menos legitimo que qualquer outro.”⁸

Existe um outro grupo de livros igualmente dedicados a hortelãos e jardineiros que são especificamente sobre as fases da lua, intitulados os *Lunários Lusitanos*, como os publicados em 1806, em 1810, em 1818 no Porto por António Alvarez

⁶ Cf. “A jardinagem pede uma atenção perpetua, e um cuidado continuo: sem isto nada pode prosperar. Aquelle que se propõe a tratar de flores, primeiro que tudo, deve escolher o sitio conveniente, ou seja para o jardim de inclinação ou jardim em terraços; atenda-se sobretudo a cinco coisas: ao terreno, á situação, á agua, á exposição, e á bella vista.”, p. 7.

⁷ Cf. “A publicação da Guia e Manual do Cultivador foi um grande serviço prestado á Agricultura do nosso paiz. Aquella obra elemental, tão accommodada pelo seu estylo, concisão e clareza ao grande fim de popularizar a sciencia agricola, gosa entre nós dos fóros de primeiro, se não de único compendio de Agricultura, onde o curioso cultivador pôde ir buscar grande cópia de doutrinas e preceitos, sem se topar embaraçado com o enfadonho labyrintho de uma arvezada terminologia scientifica, ou com um luxo fastidioso de observações e minudencias”, p. III.

⁸ p.V

Ribeiro⁹. No ano de 1818 também era publicado outro livro na Impressão Régia¹⁰, o que mostra a importância alcançada por estas publicações.

Relativamente ao calendário do jardineiro, propõe-se que em Janeiro, no crescente da Lua, se semeie “*linho, limoeiros, laranjeiras, e fructa de caroço: planta buxo, aneixeras, pecegueiros, oliveiras, e roseiras: enxerta amendoeiras.*” E que chegando a Março “*O bom jardineiro principia neste mez a ter o seu Jardim preparado, e guarnecido: descobre as plantas, e limpa as ruas.*”(p. 63).

A influência das fases da lua sobre as culturas hortícolas tem uma base científica e centra-se, em traços gerais, em dois princípios: na diferença de luminosidade, segundo as fases da lua e, sobretudo, na diferente força da gravidade durante as suas várias fases e no modo como isso altera a atração dos líquidos, nomeadamente da seiva das plantas. Assim como durante o Quarto Minguante a seiva se concentra na raiz, devem-se plantar ou semear todas as plantas cujo órgão comestível se desenvolve abaixo do solo (raízes, tubérculos, rizomas e bolbos). Na Lua Nova a seiva manifesta-se em maior quantidade no caule e, por isso, caso se semeie ou plante, deve fazer-se com o objetivo de aproveitar as folhas sem que formem repolho, como couves, cebolinho, espinafres. Entre o Quarto Crescente e a Lua Cheia devem-se plantar ou semear tudo o que se desenvolve acima do solo, como hortaliças e frutos. Esta é a fase mais propiciadora para a agricultura já que a seiva se concentra no caule, nos ramos e nas folhas. Por esta mesma razão, torna-se a época ideal para ser feita a enxertia das espécies fruteiras que produzem flor temporã como pessegueiros, ameixeiras e amendoeiras. Na Lua Cheia, como a seiva se concentra nos brotos, é boa altura para as colheitas e devem-se evitar as sementeiras e os plantios.

Vários indícios nos levam a crer que os almanaques para jardineiros se destinavam a um público diferente e a um número mais alargado de pessoas do que os tratados sobre arte de jardins que só estariam acessíveis para proprietários de quintas, artistas de primeira nomeada e jardineiros com o estatuto de arquitetos paisagistas (apesar da denominação não ser empregue). Jerónimo Cortez, que assina em 1703 um almanaque intitulado *O Non Plus Ultra Do Lunario e Prognostico Perpetuo Geral e Particular*, traduzido por António da Silva de Brito, reforça a utilidade deste livro de pequeno formato por ser de “extraordinários proveitos para todo o género de gente”¹¹. Ainda que não fosse para “toda a gente”, como diz o autor, dada a elevada taxa de analfabetismo no século XVIII e XIX, destinar-se-ia a “um público rural, durante muito tempo o principal destinatário do almanaque” (Lisboa, 2002: 12). Os

⁹ *Lunario Lusitano ou Novo Guia de Lavradores, Hortelãos, Jardineiros, pescadores e caçadores. Com as fases da Lua, calculadas para o Meridiano do Porto, neste ano de 1806, segundo depois de bissexto por Damião Francez, Junior*, Porto: Na Officina de Antonio Alvarez Ribeiro, 1806; *Lunario Lusitano ou Novo Guia de Lavradores, Hortelãos, Jardineiros, pescadores e caçadores. Com as fases da Lua, calculadas para o Meridiano do Porto, neste ano de 1810, segundo depois de bissexto por Custodio Carneiro*, Porto: Na Officina de Antonio Alvarez Ribeiro, 1810; *Lunario Lusitano ou Novo Guia de Lavradores, Hortelãos, Jardineiros, pescadores e caçadores. Com as fases da Lua, calculadas para o Meridiano do Porto, neste ano de 1818, segundo depois de bissexto por Custodio Carneiro*, Porto: Na Officina da Viúva de Antonio Alvarez Ribeiro, e Filhos, 1818.

¹⁰ *Lunario Lusitano ou Novo Guia de Lavradores, Hortelãos, Jardineiros, pescadores e caçadores. Com as fases da Lua, calculadas para o Meridiano do Porto, neste ano de 1819, segundo depois de bissexto por Custodio Carneiro*, Porto: Na Imprensa Regia, 1818.

¹¹ Trecho de uma citação transcrita por João Luís Lisboa in *Os sucessores de Zacuto. O Almanaque na Biblioteca Nacional do século XV ao XXI*.

almanaques dedicados a uma atividade específica deveriam ser dedicados a esse público específico, por isso importa averiguar a que jardineiros seriam dedicados os almanaques. Possivelmente a amadores, a uma classe pequena burguesa que gostava de cultivar o seu jardim e para isso tinha interesse em ter algumas instruções elementares sobre o cultivo das plantas e flores, tal como se indica numa das primeiras páginas do prefácio do almanaque *Le bon jardinier* de 1821: “Cependant il renfermait déjà beaucoup de notions très-intéressantes sur la distribution et la culture des plantes auxquelles se bornaient alors les amateurs et les jardiniers”(p. XIII). Continua o autor a explicar que escreveu este livro, onde compilou o nome de várias plantas e deu indicações sobre o seu cultivo, porque, precisamente, este pode ser útil aos amadores desta arte:

“J’ai pensé que beaucoup d’amateurs me auraient gré de leur indiquer toutes les plantes d’agrément et autres qui se trouvent définies, gravées et coloriées dans l’Herbier de l’Amateur¹². Cet ouvrage commencé par feu M. Mordant de Launay, et continue avec non moins de mérite par M. Loiseleur Deslongchamps, aidera beaucoup les personnes qui veulent se livrer tout à la fois, dans leur solitude, à la connaissance et à la culture des plantes les plus intéressants.” (*Bon jardinier*, 1821: XVII).

Para além destas indicações gerais sobre o público e o propósito dos almanaques para jardineiros, encontrámos um destes livros, repleto de anotações manuscritas, na Rare Book Collection de Dumbarton Oaks, o que permite confirmar o que foi dito até agora¹³. Filho e pai, viajantes americanos estão de visita a França e a Versailles. Na visita aos jardins de Versailles, mostram-se sobretudo interessados no Potager du Roi e em conversar com o seu jardineiro, pois estão curiosos sobre as técnicas de cultivo utilizadas em França. Aqui supõe-se que terão comprado o livro sobre o qual tomam diversas anotações: *Figures pour l’Almanach du Bon Jardinier* (1820). Este livro apenas inclui as ilustrações com as respetivas legendas, fazendo-nos lembrar as edições ilustradas das *Metamorfoses* de Ovídio que dispensaram o texto e divulgavam a história com uma ilustração por episódio. Neste livrinho, *Figures pour l’Almanach*, também não se encontra qualquer texto ou teoria, apenas belas ilustrações coloridas das plantas. Era nisto que o viajante americano estava interessado: num conhecimento imediato, rápido, que lhe chegasse por via das imagens. E, para além disso, apesar das imagens serem belas não era nisto que estava interessado pois não hesitou em escrever por todo o livro anotações com conhecimentos práticos que lhe chegavam por via do diálogo com o jardineiro do Potager du Roi. Como se lê no próprio livro, esta é uma obra “utile à toutes les personnes qui, possédant le Bon-Jardinier, veulent cultiver par eles-mêmes ou gouverner leur Jardin, marcotter, gresser, palisser, etc., et se familiariser, sans une trop grande application, avec la Science de la Botanique.” (p. I).

¹² “Voyez le catalogue de M. Audot, placé à la fin du *Bon Jardinier*.”

¹³ Encontramo-nos a trabalhar na transcrição integral documento que será publicado em trabalho futuro. Cf. Decaisne, J. (1820), *Figures pour l’almanach du bon jardinier...*, Paris: Audot, Libraire, in Dumbarton Oaks, Rare Book Collection, nº 007256808.

No contexto português, como a conceção dos jardins durante a Idade Moderna esteve sobretudo na esfera do proprietário e do arquiteto, parece-nos legítimo concluir que os almanaques, livros de pequeno formato com algumas instruções sobre o cultivo das plantas e organização das tarefas ao longo do ano, foram as primeiras publicações em português destinadas especificamente a jardineiros e amadores, que seriam ao mesmo tempo amantes desta arte.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abercrombie, J. (1773) *Every man his own gardener: being a new, and much more complete gardener's calendar than any one hitherto published... by Thomas Mawe... and other gardeners*, The sixth edition, corrected, enlarged, and very much improved, London: Printed for William Griffin.
- Almanaque Familiar Nacional e Profético, para Lavradores e Jardineiros/ M.B.F.C.S.S.* (1855), Lisboa: Typ. De Mathias José Marques da Silva
- Almanaque do Jardineiro/ dedicado a S. Magestade a Rainha D. Amélia por um amador* (1895), Lisboa: Impr. Libanio da Silva
- Almanaque do Jardineiro e do Cultivador/contendo a descrição d'algumas plantas, e o melhor modo de as cultivar* (1854) Lisboa: [s.n.]
- Almanaque do Perfeito Jardineiro com as Luas Calculadas/composto por Damião Francez* (1812), Lisboa: Impressão de Alcobia
- Boitard, P. (1823) *Essai sur la composition et l'ornement des jardins, ou, Recueil de plans de jardins de ville et de champagne, de fabriques propres à leur décoration, et de machines pour élever les eaux / ouvrage faisant suite à l'Almanach du bon jardinier*, Paris: Chez Audot.
- Bonnefons, N. de (2001) *Le jardinier français qui enseigne à cultiver les arbres & herbes potagères avec la manière de conserver les fruits & faire toutes sortes de confitures, conserver & massepains: dédié aux dames /Nicolas de Bonnefons; commenté par François-Xavier Bogard*, Paris: Ramsay.
- Codex Borbonicus. A sacred almanac of the Aztecs edited by George C. Vaillant* [1940], [New York]
- Cortez, J. (1703) *O non plus ultra do lunário e prognostico perpetuo geral e particular para todos os reinos e províncias /composto por Jeronymo Cortez, Valenciano; emendado conforme o expurgatório da Santa Inquisição e trad. por António da Silva de Brito*, Lisboa: Vega.
- Decaines, J. [1820] *Figures pour l'almanach du bon jardinier...*, Paris: Audot, Libraire.
- Decaines, J. (182-) *Figures pour l'Almanach du Bon Jardinier, Représentant les Utensiles le plus généralement employés dans la culture des Jardins: diferentes manières de marcotter et de gresser; de dispôser et former les Arbres Fruitiers, enfim tout ce qui est necessaire pour la parfaite intelligence des termes de botanique ou de jardinage employés dans cet Ouvrage, relatifs aux formes et directions des racines, tiges, feuilles, fleurs, etc, etc.: le tout accompagné en regard de notes explicatives. Ouvrage utile à toutes les personnes qui, possédant le Bom-Jardinier, veulent cultiver par eles-mêmes ou gouverner leur Jardin, marcotter, gresser, palisser, etc., et se familiariser, sans une trop grande application, avec la Science de la Botanique*, Paris: Audot Librairie.
- Emanuelis (1692) *La Culture des fleurs, ou il est traite généralement de la maniere de semer, planter, transplanter & conserver toutes sortes de fleurs & d'arbres, ou arbrisseaux a fleurs, connus en France*, Bourg en Bresse: Chez Joseph Ravoux, Imprimeur & Libraire.

- Evelyn, J. (1683) *Kalendarium hortense or, The gard'ners almanac: directing what he is to do monthly through-out the year: and what fruits and flowers are in prime, The 7th edition, with many useful additions*, London: Printed for T. Sawbridge, G. Wells and R. Bently.
- Evelyn, J. (1963) *Kalendarium hortense: or, The gard'ner's almanac, directing what he is to do monthly throughout the year, and what fruits and flowers are in prime*, Falls Village, Conn.: The Herb Grower Press.
- Gentil, F. (1706) *The retir'd gardener in six parts: the two first being dialogues between a gentleman and a gardener, containing the methods of making, ordering and improving a fruit and kitchen-garden... translated from the second edition printed at Paris: the four last parts treat of the manner of planting and cultivating most kinds of flowers, plants, shrubs and under-shrubs, necessary for the adoming of gardens; ... translated from the French of the Sieur Louis Liger: heretofore publish'd in two volumes with several alterations and additions proper for our English culture by George London and Henry Wise/by Joseph Carpenter*, London: J. Tonson.
- Guia para Lavradores, ortelaos, pomareiros e jardineiros.../ Bento de Mesquita* (1790) Porto: Off. De Antonio Alvarez Ribeiro.
- Guia e Manual do Jardineiro ou Arte de Cultivar os Jardins, com uma estampa explicativa, seguido da Linguagem das Flores, e emblema das cores e uma pequena guia do enxofrador das vinhas* (1862) Porto: Em casa de Jacinto A. Pinto da Silva – Editor.
- Júnior, O. (1870-1882) *Almanach do horticultor: guia indispensavel a todo o agicultor e horticultor*, Porto: Typ. Livraria Nacional.
- Labat, R. (1911) 'Un almanach Babylonien (V R 48-49)' in *Revue d'Assyriologie et d'archeologie orientale*. Vol. 38. No 1, pp. 13-40.
- Le Bon jardinière: almanach pour l'année...* (1755-séc.XIX) Paris: Librairie agricole de la Maison rustique.
- Leopold, A. (1968) *A Sand County almanac: and Sketches here and there*, New York: Oxford University Press.
- Liger, L. (1704) *Le jardinier fleuriste et historiographe, ou la culture universelle des fleurs, arbres, arbustes, & arbrisseux, servans à l'embellissement des Jardins*, Paris: Damien Beugnie.
- Liger, L. (1742) *Le jardinier fleuriste: ou, La culture universelle*, Paris: Joseph Saugrain.
- Lisboa, J. L. (2002) *Os Sucessores de Zacuto. O Almanaque na Biblioteca Nacional do Século XV ao XXI*, Lisboa: Biblioteca Nacional.
- Lunario Lusitano ou Novo Guia de Lavradores, Hortelãos, Jardineiros, pescadores e caçadores. Com as fases da Lua, calculadas para o Meridiano do Porto, neste ano de 1806, segundo depois de bissexto por Damião Francez, Junior* (1806) Porto: Na Officina de Antonio Alvarez Ribeiro.
- Lunario Lusitano ou Novo Guia de Lavradores, Hortelãos, Jardineiros, pescadores e caçadores. Com as fases da Lua, calculadas para o Meridiano do Porto, neste ano de 1810, segundo depois de bissexto por Custodio Carneiro* (1810) Porto: Na Officina de Antonio Alvarez Ribeiro.
- Lunario Lusitano ou Novo Guia de Lavradores, Hortelãos, Jardineiros, pescadores e caçadores. Com as fases da Lua, calculadas para o Meridiano do Porto, neste ano de 1818, segundo depois de bissexto por Custodio Carneiro* (1818) Porto: Na Officina da Viúva de Antonio Alvarez Ribeiro, e Filhos.
- Lunario Lusitano ou Novo Guia de Lavradores, Hortelãos, Jardineiros, pescadores e caçadores. Com as fases da Lua, calculadas para o Meridiano do Porto, neste ano de 1819, segundo depois de bissexto por Custodio Carneiro* (1818) Porto: Na Impressão Regia.

- Novo Diário do lavrador, e do jardineiro, e prognostico geral para o anno...*/Anacleto Camilo Antunes (1812) Lisboa: Impressão Régia.
- Oosten, H. van (1703) *The Dutch gardener: or, The compleat florist. Containing, the most successful method of cultivating all sorts of flowers; the planting, dressing, and pruning of all manner of fruit trees. Together with a particular account of the nursing of lemon and orange trees in northen climates*, London: Printed fr D. Midwinter.
- Renaud, H. P. J. (1947) "L'origine du mot "almanac", in *Isis*, Vol. 37, No 1/2 (May), pp. 44-46.
- Rodrigues, A. D. (2011) *A Escultura de Jardim das Quintas e Palácios dos Séculos XVII e XVIII em Portugal*, Textos Universitários de Ciências Sociais e Humanas, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e Tecnologia/ Ministério da Ciência e Ensino Superior, 766 págs. E CD-Rom com Anexo Gráfico de 729 imagens.
- Rodrigues, A. D. e Moreira, R. (coord.) (2011) *Tratados de Arte em Portugal/Art Treatises in Portugal*, Lisboa: Scribe.
- Silva, A. C. (1955) *Almanaques e folhinhas conimbricenses*, Coimbra: [s.n.]
- Soares, E. (1946) *Almanaques, prognósticos, lunários, sarrabais do século XVIII em Lisboa*, Lisboa: Tipografia Ramos.
- Tratado para Lavradores, Caçadores, Pescadores, Hortelãos, e Jardineiros, Com as Luas calculadas para o anno de 1810, segundo depois de bissexto, composto por Pedro Countinho, da Provincia do Minho* (1810) Porto: Off. De António Alvarez Ribeiro.
- Tratado para Lavradores, Pescadores, Hortelãos, e Caçadores, para o meridiano de Lisboa* (1823) Lisboa: Off. De Joaquim Thomaz de Aquino Bulhoens.
- Varisco, D. M. (1994) *Medieval agriculture and Islamic science: the almanac of a Yemeni sultan*, Seattle: University of Washington Press.